

CURIOSIDADE E ESTRANHAMENTO: IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DO CONSUMO DE PORNOGRAFIA POR JOVENS MULHERES

CURIOSITY AND STRANGENESS: PSYCHOSOCIAL IMPLICATIONS OF PORNOGRAPHY CONSUMPTION BY YOUNG WOMEN

TÍTULO DO TRABALHO EM ESPANHOL CURIOSIDAD Y EXTRAÑEZA:
IMPLICACIONES PSICOSOCIALES DEL CONSUMO DE PORNOGRAFÍA POR MUJERES JÓVENES

Taís Bentemüller Pinto¹

Fábio Pinheiro Pacheco²

RESUMO: Este trabalho tem como objetivo analisar os afetos e as implicações psicossociais do consumo pornografia por jovens mulheres de Fortaleza, Ceará. Trata-se de um estudo ancorado na perspectiva qualitativa, realizado com 10 mulheres, com idades entre 18 e 26 anos. Para a construção do corpus, utilizou-se de entrevistas semiestruturadas e questionário sócio-demográfico, e a sistematização e análise das informações ocorreram por meio da análise de conteúdo. As interpretações e discussões foram fundamentadas pelo arcabouço teórico da Psicologia Social, com ênfase na categoria de estudos da afetividade. Dentre os resultados, foram identificados alguns sentimentos e emoções que se destacaram nos relatos, a saber, a curiosidade, o estranhamento e o prazer aparecem como implicações positivas; enquanto a culpa, a vergonha, o choque e a preocupação se destacam como impactos negativos. Considera-se que o estudo proporcionou uma análise sobre a percepção e compreensão das mulheres sobre os afetos narrados em torno da temática.

1

Palavras-chave: Mulheres. Pornografia. Sexualidade. Afetividade.

ABSTRACT: The aim of this study is to analyze the affections and psychosocial implications of pornography consumption by young women in Fortaleza, Ceará. It is a study anchored in the qualitative perspective, carried out with 10 women aged between 18 and 26. Semi-structured interviews and a socio-demographic questionnaire were used to construct the corpus, and the information was systematized and analyzed using content analysis. The interpretations and discussions were based on the theoretical framework of social psychology, with an emphasis on the category of affective studies. Among the results, certain feelings and emotions were identified that stood out in the reports: curiosity, strangeness and pleasure appear as positive implications, while guilt, shame, shock and worry stand out as negative impacts. The study is considered to have provided an analysis of the women's perception and understanding of the affections narrated around the subject.

Keywords: Women. Pornography. Sexuality. Affectivity.

¹Graduada em Psicologia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) Universidade Estadual do Ceará (UECE).

²Doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) Professor do curso de Psicologia da Universidade Estadual do Ceará (UECE). Coordenador do Laboratório de Pesquisas e Intervenções em Psicologia Social e Comunitária (LAPISC/UECE).

RESUMEN: El objetivo de este estudio es analizar los afectos y las implicaciones psicosociales del consumo de pornografía por mujeres jóvenes en Fortaleza, Ceará. Se trata de un estudio anclado en la perspectiva cualitativa, realizado con 10 mujeres con edades entre 18 y 26 años. Para la construcción del corpus se utilizaron entrevistas semiestructuradas y un cuestionario sociodemográfico, y las informaciones fueron sistematizadas y analizadas por medio del análisis de contenido. Las interpretaciones y discusiones se basaron en el marco teórico de la psicología social, con énfasis en la categoría de estudios afectivos. Entre los resultados, se identificaron ciertos sentimientos y emociones que se destacaron en los relatos: la curiosidad, la extrañeza y el placer aparecen como implicaciones positivas, mientras que la culpa, la vergüenza, el shock y la preocupación se destacan como impactos negativos. Se considera que el estudio proporcionó un análisis de la percepción y comprensión de las mujeres sobre los afectos narrados en torno al tema.

Palabras clave: Mujeres. Pornografía. Sexualidad. Afectividad.

INTRODUÇÃO

A pornografia, em diferentes formas, existe há muito tempo: desde pinturas da era paleolítica que representam a nudez, passando pela representação de pinturas eróticas em Pompéia e pelo surgimento da fotografia e do cinema, posteriormente chegando na atual era digital (Ceccarelli, 2011). Caminhando juntamente com a sexualidade humana ao longo da história, a pornografia e o eroticismo já tiveram os mais variados significados sociais, muitos destes contraditórios. Por se tratar de um conceito socialmente produzido, a pornografia e seus sinônimos estão sujeitos a constantes redefinições e reinterpretações (Gorman et al., 2010; Baumel et al., 2020). Tendo em mente a variedade de caracterizações e buscando uma designação abrangente, para este estudo tomou-se a definição de pornografia como material sexualmente explícito.

Discutir sobre pornografia e seu consumo é abordar a sexualidade humana, visto que esta permeia a vida e a experiência de cada indivíduo de forma única, sendo construída a partir de contextos sociais, culturais, históricos e econômicos (Baumel et al., 2020). Assim, todos estes fatores em conjunto influenciam a forma como os indivíduos percebem a sexualidade na sociedade. Segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS):

Sexualidade é um aspecto de ser humano ao longo da vida e engloba sexo, identidades e papéis de gênero, orientação sexual, eroticismo, prazer, intimidade e reprodução. A sexualidade é experienciada e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relacionamentos. Apesar de a sexualidade poder incluir todas essas dimensões, nem todas são sempre experienciadas ou expressas. A sexualidade é influenciada pela interação de fatores biológicos, psicológicos, sociais, econômicos, políticos, culturais, éticos, jurídicos, históricos, religiosos e espirituais. (WHO, 2017, p. 3)

A literatura aponta que o consumo de pornografia pode ter efeitos tanto positivos (McKee, 2007; Baumel et al., 2020) como negativos sobre os sujeitos (Şenormanci et al., 2014). Dentre os possíveis efeitos negativos, podem ser destacados o desenvolvimento de um vício (Şenormanci et al., 2014), a distorção de expectativas acerca de corpos e do prazer (McKee, 2007) e o aumento da agressividade contra mulheres (Russell, 1993; Hald & Malamuth, 2014; Lopes, 2014).

Por outro lado, outros autores também identificaram efeitos positivos, tais como sentimentos de segurança e liberdade em relação ao sexo (McKee, 2007) e o uso destes materiais como maneira de se aproximar dos parceiros (McKee, 2007; Baumel et al., 2020). Desta forma, é fundamental compreender a forma como esta é consumida atualmente para que possamos adentrar no questionamento acerca das implicações psicossociais decorrentes desse consumo. Enquanto o acesso à pornografia se torna cada vez mais fácil, o seu consumo também se torna mais comum e seus efeitos mais marcantes.

Apesar de possuir um público consumidor altamente heterogêneo, dentro do contexto brasileiro, os jovens formam a maioria dos consumidores (Pornhub, 2024). Nesse sentido, o público jovem requer um olhar especial não apenas pelo seu alto consumo, mas também por representar uma faixa etária crucial na exploração e desenvolvimento da sexualidade, impactando suas vivências amorosas e a constituição das identidades.

No que tange ao consumo por gênero, as diferenças na relação entre homens e mulheres com a pornografia são fortemente influenciadas por fatores sociais. Apesar das diversas mudanças percebidas na discussão sobre a sexualidade na sociedade ocidental, a exploração da sexualidade feminina e o consumo de pornografia ainda são encarados como tabus (Baumel et al., 2020). Além disso, a pornografia, em sua maioria, não é feita com o propósito de atender ao olhar feminino. Dines (1998) chega a argumentar que, historicamente, a pornografia tem sido produzida com a finalidade de servir como entretenimento masculino.

Desta forma, cabe salientar as implicações em torno da questão de gênero, com ênfase para os impactos psicossociais nas mulheres. As representações de misoginia, violência e submissão feminina que permeiam a pornografia podem ser relacionadas a práticas de violência (principalmente sexual) contra as mulheres na vida real (Russell, 1993). Entende-se, assim, que o consumo de pornografia pode influenciar na normalização da violência de gênero tanto por parte de homens (que se sentiriam menos inibidos a executar tais atos) como por mulheres (que se sentiriam menos capazes de resistir à violência ou de questioná-la) (Russell, 1993). Logo,

tendo em mente que a pornografia e seu consumo trazem efeitos diversos sobre a sexualidade femininas, faz-se necessário analisar as implicações psicossociais que este consumo acarreta para as mulheres.

Para isso, neste trabalho, adotou-se a Psicologia Social Sócio-Histórica, uma vez que essa psicologia entende o humano como um ser dialético em um processo contínuo de apropriação das produções socioculturais da humanidade (Bomfim et al., 2022). Com isso, entende que, para a análise das problemáticas sociais, deve-se adotar um compromisso que é ético e político, a fim de compreender quais os mecanismos que oprimem as pessoas e construir um horizonte de transformação social. Dentro dessa perspectiva, acredita-se que a afetividade pode ser utilizada como categoria para analisar estes impactos psicossociais (Sawaia, 2001). O uso desta categoria se faz relevante por permitir olhar tanto para as experiências individuais das mulheres como também para as questões sociais que perpassam suas existências e o sofrimento decorrente destas.

Sawaia (2001, p. 98) define afetividade como “a tonalidade e a cor emocional que impregna a existência do ser humano”, se manifestando por meio de sentimentos e emoções. Compreende-se que a afetividade, portanto, é “[...] constitutiva do pensamento e da ação, coletivos ou individuais, bons ou ruins, e como processo imanente que se constitui e se atualiza com os ingredientes fornecidos pelas diferentes manifestações históricas” (Sawaia, 2011, p. 102). Com efeito, os afetos podem tanto aumentar a potência de ação das pessoas, levando-as a questionar e buscar transformar seu meio; como também levar ao padecimento e à passividade, perpetuando a escravidão e a opressão (Sawaia, 2009). Considerando esse cenário, desenvolveu-se a pesquisa “Impactos psicossociais do consumo de pornografia em jovens mulheres”, tendo como objetivo analisar os afetos e as implicações psicossociais do consumo pornografia por jovens mulheres de Fortaleza, Ceará.

MÉTODOS

Trata-se de pesquisa qualitativa, tendo em vista que este enfoque se volta para responder às questões particulares em um nível de realidade profundo (Minayo et al., 1994). Inicialmente, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, com o intuito de analisar as produções já elaboradas, o que possibilitou que o investigador tivesse uma apropriação teórica mais ampla sobre a temática (Gil, 2008). Com o levantamento bibliográfico, observou-se as abrangências e/ou lacunas

dentro do que já foi discutido por outros autores, possibilitando novas reflexões e/ou reformulações sobre o fenômeno estudado (Gil, 2008).

Para a construção do *corpus*, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, por meio das quais é possível apreender o sentido que as pessoas constroem acerca de vivências pessoais e acontecimentos sobre os quais são convidadas a falar, manifestando seus sistemas de valores, modos de compreensão e interpretação da situação, referências normativas, etc. (Quivy & Campenhoudt, 2005). Desta forma, tendo em vista o objetivo de pesquisa e o embasamento teórico apreendido por meio da pesquisa bibliográfica, foi construído o roteiro de entrevista, que consistiu em 12 perguntas. Estas englobavam os primeiros contatos das mulheres com a pornografia (Como foi o seu primeiro contato com a pornografia?), seu consumo atual (Por que meios você consome pornografia atualmente?), assim como os efeitos percebidos pelas entrevistadas sobre suas vidas (Você acha que sua sexualidade é influenciada pela pornografia? Você acha que a pornografia influencia suas relações interpessoais?)

A divulgação da pesquisa ocorreu por meio de redes sociais e aplicativo de mensagens (*Whatsapp e Instagram*). A pesquisa foi realizada com 10 mulheres, com idades entre 18 e 26 anos, residentes na cidade de Fortaleza, Ceará, que tiveram algum contato com mídias com conteúdo pornográfico. As entrevistas aconteceram por meio de chamada de vídeo na plataforma *Google Meet*, e o áudio das mesmas foi gravado e posteriormente transcrito. A duração média das entrevistas foi de 21 minutos e 06 segundos, tendo a mais curta 13 minutos e 11 segundos e a mais longa 35 minutos e 39 segundos. Durante as entrevistas, foi solicitado que as participantes sugerissem nomes fictícios para serem mencionadas no estudo.

Para a sistematização, análise e interpretação das informações, utilizou-se da Análise de Conteúdo (Bardin, 1977), por meio da qual foi possível identificar os afetos e as implicações psicossociais referentes ao contato das jovens com a pornografia, discutidos à luz da categoria de estudos Afetividade (Sawaia, 2001; 2009) da Psicologia Social Sócio-Histórica (Bomfim et al., 2022). Salienta-se que a pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética de Pesquisa da universidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

O público consumidor de pornografia é altamente heterogêneo, possuindo particularidades entre grupos; e, no contexto brasileiro, verifica-se um alto consumo. Segundo dados divulgados pelo site de conteúdo pornográfico Pornhub, em 2025, o Brasil foi o 7º país

com maior número de acessos (Pornhub, 2025). Dentro do contexto brasileiro, os jovens são forte maioria no consumo de pornografia. Dentre todos os acessos feitos no *site* Pornhub por brasileiros em 2025, 38% foram apenas de pessoas de 18 a 24 anos, enquanto a parcela média mundial para esta faixa etária é de 27% (Pornhub, 2025). Aqui, o público jovem requer um olhar especial não apenas pelo seu alto consumo, mas também por representar uma faixa etária crucial na exploração e desenvolvimento da sexualidade.

Tendo isso em vista, foram realizadas entrevistas semiestruturadas e a aplicação de um questionário sociodemográfico com 10 mulheres jovens residentes na cidade de Fortaleza, Ceará. A Tabela 1 apresenta as principais características do perfil das participantes:

Tabela 1 - Características sócio-demográficas das entrevistadas

Nome	Idade	Raça/etnia	Renda média	Nível de escolaridade	Identidade de gênero	Orientação sexual
Sofia	18	Branca	< 1 S. M.	Superior incompleto	Cisgênero	Não sabe
Lua	25	Branca	< 1 S. M.	Superior incompleto	Cisgênero	Heterossexual
Beatriz	23	Branca	Entre 1 e 2 S. M.	Superior incompleto	Cisgênero	Bissexual
Gabriela	23	Preta	< 1 S. M.	Superior incompleto	Cisgênero	Bissexual
Bárbara	19	Branca	< 1 S. M.	Superior incompleto	Cisgênero	Bissexual
Júlia	22	Parda	Entre 1 e 2 S. M.	Médio completo	Cisgênero	Bissexual
Maria	26	Parda	Entre 1 e 2 S. M.	Superior incompleto	Cisgênero	Lésbica / Homossexual
Jéssica	22	Branca	Entre 1 e 2 S. M.	Superior incompleto	Cisgênero	Lésbica / Homossexual
Mariana	24	Branca	> 2 S. M.	Superior completo	Cisgênero	Lésbica / Homossexual
Alice	24	Branca	Entre 1 e 2 S. M.	Superior completo	Cisgênero	Bissexual

Nota: A renda média apresentada é referente à média por residente da casa onde cada entrevistada reside. SM = salário(s) mínimo(s)

Fonte: Pinto e Pacheco, 2026.

Durante as entrevistas, uma das perguntas utilizadas foi relativa à idade na qual aconteceram os primeiros contatos das entrevistadas com a pornografia. O encontro mais precoce relatado aconteceu aos sete anos de idade, o mais tardio aos 14 e a média das idades foi de 10,9 anos.

O Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), em seu artigo Art. 2º, estabelece como criança a pessoa com idade até doze anos incompletos; e para adolescente aquela pessoa entre doze e dezoito anos de idade (Brasil, 1990). Seis das participantes tiveram seus primeiros contatos ainda quando criança; enquanto somente quatro tiveram o primeiro contato nos primeiros anos da adolescência, configurando-se como um contato precoce.

A esse respeito período, considera-se que, no período da adolescência, a pessoa, além de drásticas mudanças fisiológicas, também se encontra em um momento que demanda uma reacomodação em relação a sua personalidade, podendo haver o surgimento de novos atritos e afetos durante o seu desenvolvimento (Xavier & Nunes, 2015). Desse modo, entende-se que esse é um período em que a pessoa se encontra vulnerável, recebendo influências externas que podem ou não serem benéficas para o seu desenvolvimento.

Arelado à idade do primeiro contato, também se investigou por qual via esse contato com a pornografia aconteceu. Três entrevistadas afirmaram que o primeiro contato com a pornografia de seu pela própria busca, como apontam Sofia e Jéssica: “Fui eu que busquei, sem ninguém ter falado nada” (Entrevista de Sofia); e “É, não, ninguém me mostrou eu acho que eu fui buscando sozinha” (Entrevista de Jéssica). Outras três informaram que o contato se deu por acidente, ao se deparar com o material pornográfico armazenado/consumido por outra pessoa, como relatam Lua e Gabriela: “[...] me lembro que eu peguei a fita de videocassete, né, do meu tio e aí eu vi a capa, né. E aí eu me deparei com a capa de cenas de sexo explícito, né” (Entrevista de Lua); e

[...] E aí eu entrei no quarto dele [irmão mais velho] pra brincar de dar susto à noite e aí na televisão tava passando um vídeo que eu não sabia o que era. Também como eu não conhecia, eu não percebi o que era, mas a minha amiga sabia. (Entrevista de Gabriela)

Outras duas participantes tiveram o primeiro contato por meio da apresentação por parte de outra pessoa. Para Maria, foi “uma amiga mais velha me mostrou, junto com a minha prima. As duas eram mais velhas que eu, eu tava... eu ainda era uma criança, né... e elas... mostraram” (Entrevista de Maria); já Mariana assistiu em um filme por indicação de uma amiga:

[...] uma menina nas redes sociais e ela era mais velha do que eu, [...] e aí ela tava conversando comigo sobre um filme que era muito *hypado* na época, que era azul é a cor mais quente, [...] sugeriu que eu assistisse. (Entrevista de Mariana)

Por fim, duas participantes tiveram o contato de modo acidental, ao explorar as redes sociais. Uma das participantes relata que:

Foi no *Twitter* [...] as pessoas compartilhavam vídeos, na época [...] foi sem querer. Foi sem querer, assim, bem na exposição da internet. E comecei a ver no *Twitter*, mas aí começou a ser uma coisa comum também no *Tumblr*, né. (Entrevista de Alice)

A partir da análise das entrevistas, também foi realizado um levantamento acerca dos sentimentos e emoções expressados pelas jovens, a partir das quais foi possível analisar as implicações psicossociais do contato com a pornografia. Na Tabela 2, observa-se os sentimentos apontados pelas participantes:

Tabela 2 - Afetos (emoções e sentimentos) observados nos primeiros contatos

Afetos	Quantidade de relatos
Confusão / Estranhamento	9
Curiosidade	8
Desconforto	4
Vergonha / Culpa	2
Prazer	2
Choque	1

Nota: Os números presentes na coluna “quantidade de relatos” estão relacionados à quantidade de entrevistas em que o elemento apareceu; na mesma entrevista de uma participante, podem aparecer mais de um afeto apontado na Tabela 2.

Fonte: Pinto e Pacheco, 2026.

A confusão e o estranhamento foram os aspectos mais presentes nas respostas, chegando a aparecer em nove das dez entrevistas. No relato de Maria, nota-se que a confusão está ligada ao desconhecimento tanto sobre pornografia como sobre sexo de uma maneira geral, como pode ser observado neste trecho: “E aí, eu lembro de ficar meio desconfortável, mas ao mesmo tempo sem entender muito, porque o tópico sexo... não era mencionado. Sabe a história da cegonha? Nem ela” (Entrevista de Maria). Esta conexão ecoa nas entrevistas de outras mulheres e demonstra que a maioria destas não chegou a receber uma educação sexual satisfatória ou compatível com a realidade. Neste sentido, Baumel (2019) e Chi et al. (2012) apontam a necessidade de se incluir a pornografia como tópico de educação sexual, sobretudo para adolescentes, englobando as diferenças entre esses materiais e a realidade, além de possíveis efeitos do seu consumo.

Ademais, observou-se que o estranhamento ou falta de compreensão iniciais podem levar à curiosidade e consequentes questionamentos sobre a sexualidade e preferências, como mostra o seguinte relato: “Era... era algo que eu precisava dissecar um pouco, olhar, tentar entender por que as pessoas gostam disso, por quê que isso é atraente. Eu não entendia, de primeira” (Entrevista de Alice). Isto demonstra que a pornografia pode atuar de maneira positiva, como ferramenta para a autodescoberta. Este aspecto também é relatado por Jéssica:

“Por exemplo, esses filmes eles já começaram a despertar a minha curiosidade, principalmente em relação a mulheres, né, já que eu sou lésbica” (Entrevista de Jéssica). De forma um pouco diferente, há casos em que o primeiro contato com a pornografia aconteceu como uma busca por aprendizado sobre o sexo:

Mas aí eu pesquisei no geral, e aí eu fui ver vídeos, dentro do site, entre duas mulheres. Quase como uma forma pedagógica, na minha cabeça, porque eu tava [sic] nervosa, ela era mais velha do que eu, enfim. E aí eu queria aprender, entre aspas. (Entrevista de Mariana)

Baumel et al. (2020), ao pesquisarem atitudes de jovens frente à pornografia, apontam que o consumo com a finalidade de aprendizado é mais comum em mulheres do que em homens, e relacionam este fato com a socialização feminina restritiva em relação à sexualidade, que as levaria a buscar conhecimento na pornografia. No entanto, estas mesmas mulheres que buscaram a pornografia com o objetivo de aprendizado relataram grande desconforto e choque frente ao conteúdo ali representado. Para elas, houve uma percepção de confronto com a realidade, compreendendo como algo diferente do que esperavam, como mostra o seguinte relato:

Só que a experiência foi horrorosa, os vídeos eram horríveis, nada perto da realidade na minha cabeça, porque às vezes as unhas eram muito grandes, tipo. Eu percebi as coisas mais básicas, porque na minha cabeça era isso aí. É meio anti-higiênico, vai mostrar demais, e algo do gênero. E aí, é. Mas depois não voltei a consumir, assim, é, por que não gostei, não acho que foi semelhante. (Entrevista de Mariana)

A partir disto, percebe-se que há um olhar crítico destas mulheres sobre a pornografia e as representações nela encontradas, mesmo nos primeiros contatos. A esse respeito, entende-se que o conhecimento dos afetos e de suas causas pode contribuir para a emancipação das próprias pessoas em relação às suas condições (Sawaia et al., 2022).

Outros aspectos presentes foram a culpa e a vergonha. Para Sawaia (2001), estes são afetos importantes utilizados como ferramentas para a manutenção da ordem social excludente, servindo como forma de coerção social. Júlia, ao ser questionada sobre como se sentiu em seu primeiro contato, responde: “Envergonhada né, por entrar em contato com esse conteúdo, então foi uma questão de vergonha” (Entrevista de Júlia). Já a culpa aparece ligada à ideia de que a pornografia seja algo proibido, mesmo sem se entender a razão desta proibição, cujas implicações reverberam até os dias de hoje, como relata Jéssica:

Então... é... mas de início eu me senti culpada pelas duas coisas, assim. Por assistir, porque parecia que eu tava assistindo uma coisa muito, muito, muito, muito proibida, e pelo fato de eu sentir prazer com isso, né. De me fazer sentir prazer com isso. Tinha uma culpa muito forte. Até hoje eu sinto às vezes. (Entrevista de Jéssica)

Também se destaca o olhar crítico que algumas mulheres apresentaram sobre o conteúdo pornográfico a partir do estranhamento vivenciado nos primeiros contatos. Tal aspecto fica evidente no relato de Gabriela:

Na mesma época, assim, um pouco depois, eu comecei a estudar muito coisas sobre, coisas sociais. E aí eu tinha visto que aquilo era muito errado, eu tive essa impressão na época, eu acho que eu tinha uns 13 anos. De que era errado porque as mulheres muitas vezes não estavam ali porque elas queriam. Então na minha adolescência, que é quando a maior parte das pessoas tem acesso e consomem pornografia, eu não consumi muito porque eu tinha muito essa sensação de que era errado, porque eu não estava... porque aquela mulher poderia estar sofrendo. (Entrevista de Gabriela)

Após o entendimento a respeito das primeiras experiências, buscou-se entender como as jovens mulheres se relacionam com a pornografia atualmente. Inicialmente, perguntou-se sobre a frequência com a qual entram em contato com algum conteúdo. Quatro das dez mulheres entrevistadas afirmaram que não consomem mais pornografia, como apontou Júlia: “Zero. Eu acho que eu não consumo e... é... Porém, eu não me sinto distante disso, apesar de eu não consumir” (Entrevista de Júlia). Também Maria apontou que:

Eu não consumo pornografia tem uns bons anos, inclusive, [...] porque existem muitas questões na minha vida quando eu penso em pornografia [...] uma delas é que, por exemplo, eu fui abusada sexualmente anos depois por esse irmão [de quem encontrou material pornográfico]. (Entrevista de Maria)

Outras apontaram a redução do consumo, destacando preocupações com a possibilidade estarem desenvolvendo um vício ou mesmo percebendo-se viciadas em pornografia e isso levou a uma diminuição radical da frequência de consumo. A esse respeito, uma participante relatou que: “Eu não consumo quase nada, pra falar a verdade. É tipo... nada. Assim, eu já tentei analisar isso muitas vezes porque virou mais uma questão minha, problema” (Entrevista de Bárbara). Outra participante relatou: “[...] eu evito bastante, tipo... porque justamente eu já tive um período que eu me sentia um pouco viciada, assim” (Entrevista de Jéssica).

Também é importante destacar que algumas participantes apontaram que a redução ou a interrupção do consumo está atrelado às discussões sobre a indústria pornográfica e os impactos negativos desse consumo, passando a entender a pornografia de modo mais ampla, a partir de debates sobre feminismo, autoaceitação, emancipação sexual, etc. Tais problematizações foram apontadas por Gabriela e Maria:

[...] eu comecei a estudar muito coisas sobre... coisas sociais. E aí eu tinha visto que aquilo era muito errado, eu tive essa impressão na época, eu acho que eu tinha uns 13 anos. De que era errado porque as mulheres muitas vezes não estavam ali porque elas queriam. (Entrevista de Gabriela)

[...] enquanto eu me formava como feminista, nas leituras, no que eu ia compreendendo o que era, eu fui deixando de consumir, porque eu já não concordava com aquilo, com

a existência daquilo. Enfim, muitos crimes, muito problemáticos, mexe com a autoestima, mexe com a questão de pensar o que é sexo e o que não é. (Entrevista de Maria)

As participantes que ainda consomem pornografia, afirmam ter diminuído, sendo “[...] uma coisa que eu vejo de vez em quando e só” (Entrevista de Beatriz); e que “procuro evitar, tipo, ao máximo, a não ser que eu esteja assim sem nada pra fazer” (Entrevista de Jéssica). Outra participante afirmou que: “Tem meses que eu não penso nisso de forma alguma e não consumo de forma alguma e tem vezes que eu vejo mais de uma vez ao dia, e com o intuito mesmo de masturbação” (Entrevista de Alice).

Considerando o atual consumo, também foram investigados os tipos de mídia consumidos atualmente e os meios pelos quais estas mulheres acessam os conteúdos. Todas as participantes que relataram consumir pornografia no momento atual relataram fazê-lo, principalmente, pelas mídias em vídeo, sendo os sites pornográficos o meio mais utilizado. Além disso, também relataram acessar o conteúdo por meio de redes sociais, tais como o X (antes denominado Twitter). Entende-se que, com o avanço tecnológico e acesso à internet, o contato com mídias pornográficas torna-se mais fácil e, conseqüentemente, pode interferir na frequência com a qual as mulheres consomem. Com efeito, ao longo das últimas décadas, as formas de se consumir, produzir e pensar sobre a pornografia se modificaram radicalmente, e o advento da internet teve um papel central nestas mudanças.

A este respeito, Cooper (1998) indicou uma tríade de fatores que fazem com que a internet tenha um papel tão singular na sexualidade, chamando-os de *Triple A Engine*. Estes são: a acessibilidade (*Access*) - a facilidade com a qual as pessoas podem acessar a internet, seja por meio de computadores, *tablets*, ou celulares; o baixo custo (*Affordability*) - em um mercado tão vasto, há uma grande facilidade de se encontrar materiais sexualmente explícitos a baixíssimo custo, ou muitas vezes de graça; e, por último, a anonimidade (*Anonymity*) - a possibilidade de não se identificar ou de tomar uma identidade nova traz sensações de segurança e liberdade, fatores fundamentais para a expressão da sexualidade. Desta forma, percebe-se que a configuração atual de consumo e divulgação de materiais pornográficos e de expressão da sexualidade é singular e altamente dinâmica.

Além da frequência e formas do consumo atual de pornografia, buscou-se apreender quais são os afetos que as mulheres sentem quando entram em contato com essas mídias. A Tabela 3 apresenta os mais comuns relatados pelas participantes:

Tabela 3 - Emoções e sentimentos observados em relação à pornografia atualmente

Afetos	Quantidade de relatos
Vergonha / Culpa	6
Desconforto	6
Prazer	5
Preocupação	5
Desinteresse	3
Tristeza	1

Stress	I
Medo	I
Curiosidade	I

Nota: Os números presentes na coluna “quantidade de relatos” estão relacionados à quantidade de entrevistas em que o elemento apareceu; na mesma entrevista de uma participante, podem aparecer mais de um afeto apontado na Tabela 3.

Fonte: Pinto e Pacheco, 2026.

Os afetos que mais se destacam são os de “Vergonha/Culpa” e os de “Desconforto”. Conforme os relatos, a vergonha se dá, em parte, por elas não se verem do jeito que são retratadas nas mídias pornográficas, e o consequente impacto na autoimagem ao sentir que aquilo que é representado não pode ser “possível” na vida sexual real. Ainda, destacam a comparação que fazem de si em relação às atrizes pornô, sentindo-se, muitas vezes, inferiores (Tabela 3).

Tais aspectos podem ser observados, por exemplo, no relato de Sofia: “Tipo... eu acho que... Porque a gente quer fazer o que o vídeo faz. A gente quer ser igual o personagem do vídeo. É, que tudo seja daquele jeito, a gente acha que tudo é possível, mas não é.” (Entrevista de Sofia). Conforme Dines (1998), historicamente, a pornografia tem sido produzida com a finalidade de servir como entretenimento masculino. Ainda sobre tais pontos, em pesquisa de levantamento, Gorman, Monk-Turner e Fish (2010) apontaram que a nudez feminina e sua objetificação, além de atos violentos que colocam mulheres em posição de submissão puderam ser encontrados em mais da metade dos vídeos analisados. Outra participante também relatou afetos despotencializadores sobre si mesma que emergem do consumo da pornografia:

[...] acho que a gente começa a se ver meio feia, meio nojenta, meio... será que alguém vai ter atração em mim? [...] você se sente inadequada nessa situação, de não posso tirar a minha roupa na frente de ninguém. (Entrevista de Alice)

A preocupação também é um afeto comum nas mulheres que continuam consumindo pornografia. Dentre os receios, destaca-se o medo de se viciar, como apontou uma participante: “[...] eu cheguei a me sentir meio viciada, assim, porque eu fazia duas a três vezes por dia e eu precisava assistir pra sentir prazer [...] Então eu comecei a ficar preocupada” (Entrevista de Jéssica).

Em relação a afetos potencializadores, foi destacado que o consumo de pornografia traz “Prazer” e que, em algumas situações, a obtenção desse “prazer” se dá de modo a lidar com

sentimentos de tristeza ou estresse. A esse respeito, uma participante relatou que: “[...] às vezes eu tô num dia muito triste ou muito estressada, e acabo fazendo pra depois melhorar, pra fazer outras coisas” (Entrevista de Bárbara). Atrelado a esse prazer, pode-se observar nos relatos uma ambiguidade de sentimentos, uma vez que o consumo de pornografia acaba por proporcionar certo alívio das tensões, porém, em seguida, pode gerar arrependimento:

[...] uma espécie de gozo, literalmente, de, de você sentir esse prazer, mas eu acho, é uma coisa realmente bem pessoal, eu acho que a inadequação depois do ato ela é mais forte, assim. Foi bom o ato? Foi. Mas passa rápido e você fica hmmm... que arrependimento, assim. Não foi bom o suficiente pra ter consumido aquilo. (Entrevista de Sofia)

Tendo tais discussões em vista, observa-se a prevalência de afetos qualificadores do sofrimento ético-político. Para Sawaia (2001), esse sentimento surge a partir das injustiças sociais, como uma vivência despotencializadora da pessoa em sociedade, levando-a à passividade. Com efeito,

[...] o sofrimento ético-político abrange as múltiplas afecções do corpo e da alma que mutilam a vida de diferentes formas. Qualifica-se pela maneira como sou tratada e trato o outro na intersubjetividade, face a face ou anônima, cuja dinâmica, conteúdo e qualidade são determinados pela organização social. (Sawaia, 2001, p. 104).

Com isto em mente, compreende-se que os afetos despotencializadores constatados (culpa, vergonha, preocupação e desconforto) são indicativos deste sofrimento e dos mecanismos que dificultam sua superação. Desse modo, entende-se que a não compreensão crítica e reflexiva de como atuam esses afetos nas identidades das mulheres, analisando suas causas e implicações psicossociais, pode contribuir para a manutenção de opressões vividas pelas jovens.

Ademais, ressalta-se que os afetos relatados pelas entrevistadas ao falarem de seus contatos com a pornografia reverberam em diversos aspectos de suas vidas, englobando a sexualidade e indo muito além disso. Ao falarem sobre pornografia, as participantes também trouxeram reflexões acerca de seus relacionamentos interpessoais, autoimagem, militância, dentre outros temas, e ressaltaram o peso que existir enquanto mulher em uma sociedade machista e patriarcal coloca em suas vivências. Assim, compreende-se que olhar para as experiências destas mulheres nos possibilita vislumbrar não somente o funcionamento e a profundidade dos mecanismos de opressão presentes na realidade atual, como também de uma busca por libertação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os relatos das entrevistadas apontam uma expressiva diversidade de experiências relativas aos contatos com a pornografia. Foram apontados sentimentos e emoções diversos, com destaque para confusão, estranhamento e curiosidade. A análise de conteúdo partindo da perspectiva da afetividade permitiu uma compreensão aprofundada destes afetos e o que eles representam nos âmbitos micro e macrossocial. Assim, foi possível também tecer uma relação entre as experiências relatadas e o sofrimento ético-político vivido pelas mulheres.

Os afetos abordados assumem significados tanto positivos quanto negativos para estas mulheres. Positivamente, a curiosidade e o prazer levam a uma potência de ação, por meio da autodescoberta e da busca pela compreensão sobre a sexualidade. Já o estranhamento também pode ser apontado positivamente, visto que levou ao questionamento acerca das representações femininas dentro da pornografia e a irrerealidade ali apresentada. Negativamente, se destacam a culpa e a vergonha, que vão além dos primeiros contatos e reverberam nas relações que essas mulheres têm com a experiência da sexualidade de maneira geral.

Por fim, é necessário pontuar algumas dificuldades enfrentadas na realização deste estudo. Primeiramente, por se tratar de uma temática delicada e tida como tabu, houve uma grande dificuldade para encontrar mulheres dispostas a participar da pesquisa. Mesmo com

14

diversas medidas tomadas para proporcionar o conforto destas jovens, foi necessária uma divulgação extensa até se chegar nessa quantidade de participantes.

Além disso, também urge pontuar a grande escassez de produções científicas voltadas para o estudo da pornografia de maneira geral, e especialmente quando se leva em consideração as especificidades de gênero e local. Entende-se, portanto, que este é um tema complexo, com implicações diversas, e que precisa ser melhor explorado. Logo, espera-se que esta pesquisa possa contribuir para a criação e expansão de debates e estudos sobre a pornografia, seu consumo e seus impactos psicossociais.

FINANCIAMENTO

A pesquisa contou com o apoio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica e Tecnológica da Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico (BICT/FUNCAP), cuja bolsa concedida a partir de uma chamada pública da Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa (PROGPQ) da Universidade Estadual do Ceará (UECE).

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Edições 70.

BAUMEL, C. P., Guerra, V. M., Garcia, V. M., & Rosário, A. G. (2020). Consumo de Pornografia e Relacionamento Amoroso: uma Revisão Sistemática do Período 2006-2015. *Gerais: Revista Interinstitucional de Psicologia*, 13 (1), 1-19. <https://doi.org/10.36298/gerais2020130103>

BAUMEL, C. P. (2019). *Uso de pornografia e sua influência na satisfação com os relacionamentos amorosos* [Tese de doutorado]. Curso de Psicologia, Universidade Federal do Espírito Santo

BRASIL (13 de julho de 1990). *Lei 8.069, Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências*. Diário Oficial da União. https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm

BOMFIM, Z. A., Petrola, A. D., Pacheco, F. P. (2022). Psicologia Social Brasileira e as categorias sócio-históricas fundamentais. In Moreira, M. I. & Sousa, S. M. (Orgs.), *Psicologia Sócio-Histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais* (pp. 19-42). Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

CECCARELLI, P. (2011). A pornografia e o ocidente. *Revista (In)visível*, 1, 25-34.

CHI, X., Yu, L. & Winter, S. (2012). Prevalence and correlates of sexual behaviors among university students: a study in Hefei, China. *BMC Public Health*, 12(1), 1-10. <https://doi.org/10.1186/1471-2458-12-972>

DINES, G. (1988). *Pornography: the production and consumption of inequality*. Routledge.

GIL, A. C. (2008). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. Atlas.

GORMAN, S., Monk-Turner, E. & Fish, J.N. (2010). Free Adult Internet Web Sites: How Prevalent Are Degrading Acts?. *Gend. Issues* 27, 131-145 <https://doi.org/10.1007/s12147-010-9095-7>

HALD, G.M., Malamuth, N.N. (2014). Experimental Effects of Exposure to Pornography: The Moderating Effect of Personality and Mediating Effect of Sexual Arousal. *Archives of Sexual Behavior*, 44, 99-109. <https://doi.org/10.1007/s10508-014-0291-5>

MCKEE, A. (2007). The Positive and Negative Effects of Pornography as Attributed by Consumers. *Australian Journal of Communication*, 34(1), 87-104. <https://eprints.qut.edu.au/14575/>

MINAYO, M. C. S., Neto, O. C. & Gomes, R. (1994). *Pesquisa Social: Teoria, método e criatividade*. Vozes.

Pornhub. (2024). *2024 Year in Review*. Pornhub. <https://www.pornhub.com/insights/2024-year-in-review>

QUIVY, R., Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigações em ciências sociais*. Gradiva.

RUSSELL, D. E. H. (1993). *Against Pornography: the evidence of harm*. Russell Publications.

SAWAIA, B. B.. (2009). Psicologia e desigualdade social: uma reflexão sobre liberdade e transformação social. *Psicologia & Sociedade*, 21(3), 364-372. <https://doi.org/10.1590/S0102-71822009000300010>

Sawaia, B. B. (2001). O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. B (Org). *As artimanhas da exclusão: uma análise ético-psicossocial da desigualdade* (pp. 97-118). Vozes.

Sawaia, B. B., Magiolino, L. L. S. & Silva, D. N. H. (2022). Por uma teoria sócio-histórica das emoções. In Moreira, M. I. & Sousa, S. M. (Orgs.), *Psicologia Sócio-Histórica: bases epistemológicas, categorias fundamentais e intervenções psicossociais* (pp. 93-124). Editora da Pontifícia Universidade Católica de Goiás.

ŞENORMANCI, Ö., Konkan, R., Güçlü, O. & Şenormanci, G. (2014). Two Cases of Excessive Internet Use with Comorbid Family Relationship Problems. *Nöro Psikiyatri Arşivi*, 51(3), 280-282. <https://doi.org/10.4274/npa.y6939>

WORLD Health Organization. (2017). *Sexual health and its linkages to reproductive health: an operational approach*. <https://www.who.int/publications/i/item/978924151288>

XAVIER, A .S., Nunes, A. I. (2015). *Psicologia do Desenvolvimento*. EdUECE.